

VII

Revolta ou Revolução

NO INÍCIO DESTES TRABALHOS DISSEMOS QUE NOSSA TESE central é a de que a revolução do nosso tempo é estudantil, que são os estudantes a força e o gérmen revolucionários mais importantes desta segunda metade do século XX. Em apoio à nossa tese vimos que os operários transformaram-se em ex-revolucionários, que os movimentos estudantis têm objetivos e uma ideologia revolucionária, e que as causas da revolta estudantil são ao mesmo tempo profundas e novas, de forma que, feita a análise de um ponto de vista histórico, seu sentido revolucionário ganha em profundidade e significação.

Entretanto, é comum ouvirmos restrições ao potencial revolucionário da juventude, com argumentos da seguinte natureza: a época estudantil é transitória, depois serão todos obrigados a ceder, a fazer compromissos com a ordem estabelecida; os jovens não possuem força nem organização para empreenderem sozinhos uma revolução.

Não negamos que haja grande dose de verdade nessas afirmações. Talvez esteja exatamente aqui, no problema da operacionalidade ou praticabilidade, o ponto fraco da revolta estudantil, que mais dificulta a sua transformação em revolução.

Mas é preciso também não subestimar as possibilidades revolucionárias dos estudantes. Nestes últimos anos, pelo menos em dois países a revolta estudantil ficou muito próxima da revolução: a França e a China. Na França, a revolta de maio e junho arrastou para as ruas as maiores multidões da história de Paris, todas as universidades foram tomadas, os conflitos nas ruas foram de enorme violência, os operários, estimulados pelos estudantes, começaram a aderir ao movimento. A situação era tipicamente revolucionária. Não fora o conservadorismo do Partido Comunista e das esquerdas em geral, que se opuseram ao movimento, e depois cancelaram as greves para as habituais reivindicações salariais, e possivelmente teríamos tido uma revolução. A esmagadora vitória gaullista, nas eleições gerais de julho, não tira em nada a importância da revolta estudantil francesa. De Gaulle aproveitou-se da timidez, senão do medo da classe média, conservadora por natureza, para, em uma jogada eleitoral, acusar os comunistas, que no fundo haviam sido o baluarte do regime, pela crise. Ao mesmo tempo acenou a essa mesma classe média com reformas que sempre lhe são caras. O resultado foi sua grande vitória sobre as esquerdas, que haviam ficado perplexas em face à revolta estudantil. O fato, porém, é que essas eleições, que haviam sido convocadas devido à revolta dos estudantes, excluía-os integralmente. Dois grupos se degladiavam — esquerdas e gaullistas — que nada tinham a ver com os estudantes causadores das eleições. Por isso mesmo a vitória de De Gaulle não resolve em absoluto o problema estudantil francês.

Na China, também, a revolta estudantil alcançou as raias da revolução. A «Revolução Cultural», iniciada sob a inspiração de Mao-Tse-Tung, teve como instrumento os estudantes — os «guardas-vermelhos». O simples uso dos estudantes como instrumentos já é significativo. Em breve, porém, os estudantes deixaram de ser instrumentos para se transformarem em autores. A liderança comunista perdeu grande parte do controle sobre eles. Sem

dúvida poder-se-ia objetar que esta relativa falta de controle estava dentro dos planos de Mao. E' isto o que se depreende do seguinte trecho de um discurso de Lin Piao:

«A linha do Presidente Mao sustenta que as massas se educam e se emancipam sozinhas; é uma linha que coloca a audácia acima de tudo, recomendando que se ouse e que se tenha confiança nas massas, apoiando-se melhor sobre elas, mobilizando-as sem reserva . . . Esta ampla democracia significa que o partido encoraja sem nenhum temor as massas a que vigiem e critiquem os organismos e as pessoas dirigentes do partido e do Estado, em todos os graus, mediante uma larga e franca exposição de opiniões e críticas, através dos jornais murais, em grandes ideogramas, de debates, e de amplo intercâmbio de experiência revolucionária.»²⁹

Dentro ou fora dos planos da liderança dos partidos o fato é que o movimento dos estudantes chineses — observe-se que as «massas» foram os estudantes — saiu amplamente do controle, ganhou feição própria, e constituiu-se em um poderoso meio de transformação da sociedade chinesa.

Na França e na China, portanto, a revolta estudantil já andou muito próxima da revolução. Em outros países, como a Alemanha, a Itália, a Argentina, a Espanha, a revolta estudantil alcançou também grande intensidade.

A alegação de que falta organização aos estudantes não é correta. Na França como no Brasil, nos movimentos de rua e na ocupação das escolas, os estudantes revelam-se possuidores de uma organização e uma técnica surpreendentes. A demonstração mais convincente das possibilidades de organização dos estudantes, porém, foi-nos dada pelo líder estudantil alemão Rudi Dutschke, que se afirma «um revolucionário profissional». E de fato, a eficiência com que conseguiu, no começo de 1968, espalhar a agitação por uma Alemanha sólida e pacata, que

²⁹ PEDROSO d'HORTA, Arnaldo, "Revolução Cultural do Ocidente ao Oriente", em *O Estado de São Paulo*, 12 de maio de 1968.

há mais de trinta anos não conhecia movimentos de rua, foi impressionante. Na verdade, é preciso dizer que, relativamente aos grupos revolucionários anteriores, o movimento estudantil é aquele que, na média, apresenta maior potencial de conhecimentos técnicos e organização. A educação que receberam e estão recebendo transforma-os em um grande grupo com uma capacidade de raciocínio e decisão muito maior, por exemplo, do que a dos operários.

A transitoriedade da vida estudantil, porém, pode sem dúvida transformar-se em um obstáculo à revolução estudantil. É certo que o grupo está sempre se renovando e aumentando. Mas sua ação está sempre correndo o risco de perder continuidade.

Mais grave do que a falta de organização e a transitoriedade, porém, é a falta de controle ou pelo menos de acesso aos meios de produção e aos armamentos. O poder, nas sociedades modernas, está intimamente relacionado com o controle dos meios de produção e dos armamentos. Se considerarmos estes como uma espécie de bem de capital, poderíamos generalizar afirmando que o poder depende do controle sobre estoque de capital existente. Quanto maior for esse controle, maior será o poder político. O controle poderá originar-se da propriedade, como é o caso dos empresários, ou do conhecimento técnico profissionalizado, como acontece com os tecnocratas, ou da função burocrática, como é o caso dos militares em relação aos armamentos. Este controle sobre os bens de capital — máquinas, veículos, prédios, armas — tem como consequência o controle sobre a organização, sobre a estrutura burocrática que administra esse estoque de capital. Do poder sobre os homens que fazem parte, direta ou indiretamente, das grandes organizações públicas ou privadas, ao poder político, é um passo.

Ora, os estudantes estão situados fora desse esquema de poder. Ao contrário do que acontece com os operários que, embora não tendo o controle dos meios de produção, estão integrados no processo de produção e vivem suas contradições, os estudantes são marginais a esse processo de produção. Estão se preparando para nele integrar-se. Mas ainda não o fizeram. Resulta daí

uma grande fraqueza política dos estudantes na medida em que eles estão muito distanciados do controle do processo de produção.

Para realizarem uma revolução terão que prever a forma de controlar os bens de capital e a respectiva tecnologia que determinam esse processo de produção. E tal tarefa não será fácil de ser realizada, dado o distanciamento dos estudantes desse mesmo processo. Esse distanciamento, essa marginalidade do estudante em relação à produção, aliás, é importante na explicação da ideologia imprecisa, idealista e muitas vezes utópica dos estudantes.

E' preciso, todavia, não exagerar esta fraqueza dos estudantes. Porque é preciso lembrar que, por outro lado, a força revolucionária dos estudantes deriva exatamente de sua marginalidade. No momento em que o estudante, mesmo enquanto estudante, começa a se integrar no processo produtivo, podemos ter certeza de que seu potencial revolucionário está terminando. Marx pretendia que a classe operária, no século passado, seria a origem e a base da revolução socialista, na medida em que ela, participando do processo de produção, percebia as contradições do mesmo, contradições que implicavam em exploração e miséria para a classe operária. Hoje, com um panorama muito modificado, estamos pretendendo que a revolução será ou poderá ser feita pelos estudantes e intelectuais não-comprometidos, exatamente na medida em que eles sejam marginais, na medida em que eles não estejam integrados no processo de produção capitalista ou comunista.

Não dispomos de bola de cristal para podermos afirmar se esta revolução ocorrerá ou não. A única coisa que é certa é a de que os estudantes constituem hoje o fermento mais poderoso de renovação da sociedade. Sua visão crítica da mesma certamente a fará mudar, a fará transformar-se. Estas modificações, porém, poderão ser realizadas a longo prazo, ou poderão ser revolucionárias.

Para serem revolucionários enfrentam, portanto, os problemas de uma relativa falta de organização, de falta

de controle sobre os meios de produção, e de transitoriedade. Estes fatos deixam os estudantes muito vulneráveis. E quando a ordem vigente tem êxito em uma atividade geral de controle policial do movimento estudantil, a ação revolucionária estudantil entra em uma fase de recesso até que seus quadros, sempre transitórios, possam novamente ser refeitos.

Através da transitoriedade da ação revolucionária dos estudantes introduzimos a figura do intelectual não-comprometido. No começo deste trabalho dissemos que os estudantes e os intelectuais não-comprometidos seriam os grupos revolucionários por excelência. Acrescentamos os intelectuais não-comprometidos exatamente porque eles representam a perspectiva de continuidade no tempo do grupo estudantil, de superação, portanto, do caráter transitório da vida estudantil.

Mas o que entendemos por «intelectuais não-comprometidos»? É o intelectual que não se integrou no processo tecnoburocrático de produção. Em sua maioria são os ex-universitários desempregados ou os semi-empregados. Há, todavia, algumas profissões — artistas, professores, jornalistas, médicos — em que também pode haver um certo grau de descompromissamento. Chamamos a esses intelectuais de descomprometidos, na medida em que não dependem de uma carreira, da aprovação de superiores para sobreviverem. Devem ser incluídos também nesse grupo os *hippies* e todo o movimento *underground*.

É desse grupo de intelectuais não-comprometidos, somados aos estudantes, que sairão as lideranças radicais. Nos países latino-americanos é desse grupo que sai a maioria dos chefes guerrilheiros. O mesmo ocorreu no Vietnã. Conforme observa Régis Debray, referindo-se àquele país:

«As circunstâncias dessa mesma guerra de libertação levam os partidos, originalmente compostos de estudantes e do melhor

que existe na classe operária, a deslocar-se ao campo e levar uma guerra de guerrilhas contra o invasor.»³⁰

A introdução da figura do intelectual não-comprometido leva-nos ainda a uma última generalização a respeito das possibilidades de transformação da revolta estudantil em revolução. Referimo-nos à capacidade de absorção, pelo sistema econômico, dos egressos das universidades. Durante certo período, especialmente durante o governo Kennedy, foi aceita pelos Estados Unidos a idéia que a melhor maneira de combater a subversão era promover o desenvolvimento econômico. Infelizmente, porém, esta proposição demonstrou-se falsa. Tanto o imperialismo americano como o soviético já verificaram que a subversão não está necessariamente relacionada com o nível de desenvolvimento, e que, portanto, as melhores formas de conter a subversão continuam a ser a força militar e o suborno das lideranças políticas. Esta verificação foi uma das causas da diminuição da ajuda econômica aos países subdesenvolvidos.

Entretanto, estamos agora capacitados a oferecer uma segunda teoria, para substituir aquela que relacionava subversão com nível de subdesenvolvimento. Esta teoria pode ser expressa nos seguintes termos: quanto menor for a capacidade relativa do sistema econômico de absorver os estudantes egressos das universidades, maior será a proporção de jovens com nível universitário desempregados ou mal empregados — intelectuais não-comprometidos — e maior, portanto, será a probabilidade de a revolta estudantil alcançar profundidade e transformar-se em revolução.

E' claro que, em face a essa hipótese, há duas estratégias possíveis para as classes conservadoras: procurar diminuir o número de universitários ou proporcionar-lhes condições de emprego. Nos países subdesenvolvidos, porém, nenhuma das duas alternativas é de fácil execução. A pressão da classe média para que seus filhos cheguem à universidade é crescente. Por outro lado, a estagnação,

³⁰ DEBRAY, Régis, *Revolução na Revolução*, tradução do espanhol *Revolución en la Revolución*, Havana, Casa das Américas, 1967, p. 71.

mais do que o desenvolvimento, tem caracterizado as economias subdesenvolvidas. As perspectivas da revolução estudantil e dos intelectuais não-comprometidos, pelo menos em relação aos países subdesenvolvidos, são portanto concretas.

Finalmente, é preciso salientar que a revolução do nosso tempo provavelmente não é exclusivamente estudantil. Já mencionamos o papel dos intelectuais não-comprometidos, mas estes, além de pouco numerosos, podem ser considerados um prolongamento do grupo estudantil. Os estudantes, estes já são numerosos, mas não o bastante para sozinhos levarem a cabo uma revolução. Deverão, em princípio, contar com o apoio dos outros grupos para que sua ação possa tornar-se eficiente. Na França os estudantes tentaram obter o apoio dos operários. Não o conseguiram devido a resistência das lideranças operárias comunistas. Nos países subdesenvolvidos, o eventual apoio que os estudantes e intelectuais não-comprometidos poderão obter será dos camponeses e trabalhadores rurais, e de alguns trabalhadores urbanos marginais. Da classe operária propriamente dita dos países subdesenvolvidos é pouco provável que parta um movimento de apoio a qualquer esforço revolucionário, já que, além de acomodado, vimos que é um grupo relativamente privilegiado dentro das sociedades atuais subdesenvolvidas.

Um aliado, porém, que não poderá ser desprezado pelos estudantes e intelectuais não-comprometidos, na América Latina e especialmente no Brasil, é o movimento católico de esquerda. Vem-se verificando, na realidade, uma transformação profunda senão uma revolução na Igreja, na América Latina, cujas conseqüências poderão ser profundas. Dada a importância do fenômeno e suas claras relações com a revolução estudantil, examinaremos o problema mais detidamente na terceira parte deste livro.